

O que o mundo aprende com a pandemia

Por Martin Wolf

Valor Econômico, 25/11/2020

A segurança das pessoas deveria continuar sendo a lei máxima da política, agora e sempre

A lição isolada mais importante que extraímos da covid-19 é o alto grau de estrago que pode ser causado por uma pandemia relativamente branda, pelos padrões históricos de longo prazo. Chamá-la de branda não pretende menosprezar o sofrimento que causou, e continuará a causar, antes de um programa de vacinação eficaz ser lançado e sustentado mundialmente. Mas a covid-19 demonstrou uma vulnerabilidade social e econômica muito maior do que os especialistas imaginavam. É importante compreender por que isso se deu e aprender como administrar melhor o impacto de doenças desse gênero no futuro.

Em recente estudo, David Cutler e Lawrence Summers, de Harvard, estimaram que o custo total imposto pela covid-19 só aos Estados Unidos foi de US\$ 16 trilhões. Isso corresponde a 75% do Produto Interno Bruto (PIB) americano de um ano. Quase metade dessa quantia é o valor acumulado de PIB perdido estimado pelo Escritório de Orçamento do Congresso dos EUA (CBO, nas iniciais em inglês). O restante é o custo das mortes e do comprometimento da saúde física e mental prematuros das pessoas, de acordo com valores habitualmente usados para a grande economia mais rica do mundo.

Uma doença ainda mais virulenta é concebível. Da próxima vez, temos de conter a propagação da nova doença com muito maior rapidez. Muitos falam hoje em liberdade. Mas a segurança das pessoas deveria continuar sendo a lei máxima da política, agora e sempre

O custo total é, segundo os autores, quatro vezes maior que o da recessão que se seguiu à crise financeira de 2008. Se o custo para o mundo for também de 75% do PIB anual, será de cerca de US\$ 96 trilhões, a taxas de câmbio calculadas por paridade de poder de compra. Esse é, quase certamente, um valor superestimado. Apesar disso, o custo é enorme.

Até agora o saldo mundial de óbitos decorrente da covid-19 é estimado em 1,4 milhão de pessoas. As mortes estão atualmente na casa de pouco menos de 10 mil ao dia, ou cerca de 3,5 milhões ao ano. Se essas cifras se mantiverem, as mortes acumuladas nos dois primeiros anos poderão alcançar quase 5 milhões, ou pouco mais do que 0,06% da população mundial. Para contextualizar esses números, a gripe espanhola, que surgiu em 1918, durou 26 meses e custou algo entre 17 milhões e 100 milhões de vidas, ou de 1% a 6% da população mundial da época. Um saldo de mortes comparável para a covid-19 hoje seria de 80 milhões a mais de 400 milhões de pessoas. Algumas pandemias, notadamente a Peste Negra do século XIV, foram ainda muito mais letais do que a gripe espanhola.

Relatório de 2006 do CBO argumentava que “uma pandemia que envolvesse uma cepa altamente virulenta de gripe (como a que causou a pandemia de 1918) poderia gerar um impacto de curto prazo sobre a economia mundial semelhante, em profundidade e

duração, ao causado por uma recessão média de pós-guerra nos EUA”. Mas a gripe espanhola matou cerca de 675.000 americanos, da população total da época de apenas 103 milhões de pessoas. Isso equivale a mais de 2 milhões hoje. Se o CBO estivesse certo, o impacto econômico desta pandemia teria sido muito menor do que foi.

Estudo semelhante para a Comissão da União Europeia (UE), também publicado em 2006, concluiu que, “embora uma pandemia cobraria um preço elevado em termos de sofrimento humano, não constituiria, mais provavelmente, uma grave ameaça à macroeconomia europeia”. Essa conclusão estava totalmente errada.

Por que, então, os danos econômicos de uma pandemia comparativamente tão branda foram tão imensos? A resposta é: porque isso era possível. Pessoas prósperas conseguem facilmente prescindir de uma grande parcela de seus gastos diários normais, enquanto seus governos conseguem apoiar as pessoas e as empresas afetadas em enorme escala. Isso também é o que as pessoas esperam dos governos. A reação à pandemia é um reflexo das possibilidades econômicas e dos valores sociais atuais, pelo menos nos países ricos. Estamos preparados para pagar um grande preço para conter a pandemia. E conseguimos fazer isso muito melhor do que antes.

Alguns argumentam que os métodos escolhidos, particularmente os “lockdowns” indiscriminados, foram, em grande medida, responsáveis por esses enormes custos econômicos. Em vez disso, sugerem essas pessoas, a doença (e, portanto os doentes) deveriam ter sido autorizados a perambular livremente, ao mesmo tempo em que se procuraria proteger apenas os vulneráveis. Isso é muito questionável. Um dos motivos para afirmar isso é que, quanto maior a incidência da doença, maior será a determinação das pessoas de protegerem a si mesmas, argumento defendido no Panorama Econômico Mundial do Fundo Monetário Internacional.

A experiência real, em contraposição a análises de relação custo-benefício de alternativas teóricas, fortalece ainda mais o argumento a favor de conter totalmente a propagação da doença, onde isso for factível. Recente estudo do Instituto para o Novo Pensamento Econômico, intitulado “To Save the Economy, Save the People First”, sugere por quê. Um gráfico mostra que os países seguiram duas estratégias: conter a propagação ou priorizar a economia em detrimento das mortes. De modo geral, o primeiro grupo se saiu melhor em ambos os quesitos. Já os países que sacrificaram vidas tenderam a se ver às voltas com alta mortalidade e altos custos econômicos.

Agora, em meio a uma segunda onda de infecções e lockdowns na Europa, a não persistência até alcançar pleno controle sobre o vírus na primeira onda parece um grande erro. É claro que a testagem eficaz, o rastreamento e a adoção de quarentenas seriam melhores ainda. Mas isso é impossível quando as taxas de infecção estão próximas dos níveis recentes.

Ainda temos muito a aprender da covid-19, e precisamos aprender, porque a próxima pandemia poderá ser muito mais letal do que esta. Enquanto isso, precisamos tentar fugir da catástrofe atual também, e o mais rápido possível. Isso exigirá um alto nível de cooperação mundial. Enquanto os custos da pandemia foram bastante extraordinários, o mesmo, ocorreu felizmente com a reação da ciência. Agora é necessário produzir e distribuir vacinas em todo o mundo. Um passo importante é que todos os países, inclusive os EUA, se integrem à Covax, o programa de fornecimento mundial de vacinas. Desafios mundiais precisam de soluções mundiais.

A covid-19 foi um choque econômico muito mais devastador do que os economistas previam. Isso representa uma enorme lição. Uma doença ainda mais virulenta é

perfeitamente concebível. Da próxima vez, temos de conter a propagação da nova doença com muito maior rapidez. Muitos falam hoje insistentemente em liberdade. Mas a segurança das pessoas deveria continuar sendo a lei máxima da política, agora e sempre. **(Tradução de Raquel Warszawski).**

Martin Wolf é editor e principal analista econômico do Financial Times